

TRAUMAS E RESILIÊNCIA NO FILME *O CASTELO DE VIDRO*: UM OLHAR SEGUNDO A PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA



<https://doi.org/10.56238/arev7n4-218>

Data de submissão: 18/03/2025

Data de Publicação: 18/04/2025

Paula Dariva

Acadêmica do Programa de Pós-graduação em
Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL)
Universidade Franciscana (UFN)
E-mail: pauladariva@gmail.com

Janaina Pereira Pretto Carlesso

Prof^ª. Dr^ª. do Curso de Psicologia e
do Programa de Pós-graduação em
Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL)
Universidade Franciscana (UFN)
E-mail: janaina.carlesso@ufn.edu.br

Noemi Boer

Prof^ª. Dr^ª. do Programa de Pós-graduação em
Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL)
Universidade Franciscana (UFN)
E-mail: noemiboer@gmail.com

RESUMO

No presente artigo, analisa-se o filme *O Castelo de Vidro* (2017), baseado na autobiografia de Jeannette Walls, sob a perspectiva da Neurociência, procurando explorar os impactos do estresse precoce no neurodesenvolvimento, visto que a exposição à negligência e as interações disfuncionais pode afetar a aprendizagem, a regulação emocional e os vínculos sociais, aumentando o risco de transtornos neuropsiquiátricos. O estudo, de natureza qualitativa e documental, estrutura-se em três seções centrais: inicialmente, apresenta-se a sinopse do filme e, depois, os métodos de análise, segundo o *Arco de Magueres* (1970) e a Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016); em seguida, examinam-se seis cenas selecionadas e, na última seção, propõem-se inferências para cada etapa do Arco, evidenciando a influência do ambiente familiar no desenvolvimento psicológico-emocional.

Palavras-chave: Neurodesenvolvimento. Relações familiares. Plasticidade cerebral.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresenta-se uma análise do filme *O Castelo de Vidro* (2017), baseado na autobiografia de Jeannette Walls, com enfoque nos impactos do estresse emocional durante as fases da infância e adolescência e indicadores de risco para o neurodesenvolvimento pela perspectiva da Neurociência. O filme retrata dinâmicas familiares marcadas por negligência e interações disfuncionais que evidenciam como o estresse precoce pode impactar negativamente os processos de aprendizado, regulação emocional e comportamento infantil.

A Neurociência é o estudo do cérebro e do sistema nervoso e se ocupa em recuperar como essas estruturas processam informações e controlam o comportamento humano, de acordo com Eagleman (2015), que explica como o cérebro constrói a percepção da realidade, interpreta estímulos do ambiente e coordena as ações, emoções e decisões. Embora complexo, o cérebro pode ser compreendido por meio do estudo das conexões neurais, oferecendo uma visão mais profunda de como o ser humano é moldado pela Biologia e pela experiência.

A literatura científica, nessa perspectiva, aponta que a exposição ao estresse na infância é um fator crucial no desenvolvimento de transtornos neuropsiquiátricos. Estudos desenvolvidos por Shonkoff e Garner (2012) discutem, extensivamente, como experiências adversas, na infância, podem impactar o desenvolvimento emocional e comportamental das crianças. O estresse tóxico, resultado dessas experiências, afeta diretamente o funcionamento do cérebro em desenvolvimento e compromete a regulação emocional, a aprendizagem e a formação de vínculos saudáveis, prejudicando não só a capacidade de aprendizagem e resiliência, mas também a plasticidade cerebral quanto à regulação emocional e à formação de vínculos sociais.

De maneira complementar, Shonkoff et al. (2012) exploram os efeitos do estresse tóxico, um tipo de adversidade precoce, caracterizado por experiências, como abuso e negligência, que impactam a estrutura cerebral e comprometem o desenvolvimento físico, psicológico e neurobiológico, resultando alterações comportamentais e problemas de saúde ao longo da vida, o que conduz a uma necessidade urgente de intervenções eficazes. No estudo realizado por Lima Camargo et al. (2017), os autores investigaram como crianças e adolescentes que passaram por maus-tratos podem desenvolver resiliência. A análise apresentada, nesse estudo, revela que o estresse precoce desencadeia respostas fisiológicas e emocionais direcionadas à adaptação diante de situações que envolvem medo e ansiedade. Além disso, os autores consideram que, apesar dos danos, fatores como suporte social e estratégias de enfrentamento são cruciais para o desenvolvimento da resiliência.

Portanto, achados dessa natureza reforçam a urgência de intervenções precoces, especialmente em contextos de estresse tóxico, ocasionado pela exposição contínua e pela inexistência de adequado

suporte afetivo e social, o que provoca níveis elevados de cortisol, inflamação e alteração permanente da estrutura cerebral, prejudicando áreas responsáveis pela regulação emocional, memória e aprendizado. Dessa forma, promover um ambiente de apoio é essencial para mitigar esses efeitos e garantir o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) define os maus-tratos infantis como qualquer forma de abuso ou negligência sofrida por menores de 18 anos, o que inclui abuso físico ou emocional, abandono, descaso e exploração.

Entende-se que essa forma de violência possa causar danos imediatos ou a longo prazo à saúde e ao desenvolvimento do indivíduo, resultando sérios impactos ao sistema nervoso e imunológico. Estudos demonstram que adultos, com histórico de maus-tratos na infância, têm maior propensão ao desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, e ao consumo de substâncias, que desencadeiam comportamentos de risco. O aumento dessa variável, no comprometimento da saúde na vida adulta, pode ser explicado pelas alterações na resposta ao estresse, geralmente causado por adversidades na infância, tornando os indivíduos mais vulneráveis a transtornos psicológicos e a doenças.

Embora a relação entre estresse precoce e patologias seja bem estabelecida, fatores como predisposição genética, suporte psicológico e condições sociais podem influenciar a forma como cada indivíduo reage ao trauma, determinando ou não o desenvolvimento de patologias (McEwen, 2007; Van der Kolk, 2014). Com base nessas evidências, a motivação para realizar o presente estudo está na importância de compreender como as experiências familiares disfuncionais e os traumas precoces impactam o desenvolvimento psicológico, emocional e neurobiológico do ser humano. O filme *O Castelo de Vidro* (2017) ilustra claramente como os comportamentos familiares e as dinâmicas relacionais complexas influenciam diretamente no processo de formação da identidade e a regulação emocional, destacando a relevância desses fatores no campo da Neurociência e da saúde mental.

Assim, a análise dessas dinâmicas, sob a ótica neurocientífica, permite uma compreensão mais aprofundada da neuroplasticidade, da resiliência e dos efeitos do estresse tóxico no desenvolvimento cerebral durante a infância e adolescência. Além disso, evidencia a importância do ambiente familiar na formação da mente humana, fornecendo *insights* valiosos a profissionais de saúde, educadores e cuidadores, oferecendo também ferramentas para entendimento dos impactos, por conta de vivências adversas, no desenvolvimento integral do indivíduo. Nessa perspectiva, objetiva-se analisar as consequências das relações familiares disfuncionais, retratadas no filme *O Castelo de Vidro*, sob a ótica da Neurociência. A obra não apenas ilustra como traumas e interações familiares complexas influenciam o desenvolvimento psicológico e emocional dos indivíduos, mas também aborda temas

como resiliência, plasticidade cerebral e os efeitos das experiências adversas na formação da identidade e na capacidade de adaptação social.

Quanto à organização, além das considerações iniciais e finais, o texto compreende três seções centrais e inter-relacionadas. Inicialmente, descreve-se o delineamento metodológico da pesquisa, de natureza qualitativa e documental, em cuja seção são apresentados a sinopse do filme, o detalhamento das cenas que compõem o *corpus* e a descrição dos métodos de análise, segundo os princípios do Arco, de Magueréz (1970), e a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016). Na sequência, apresentam-se as seis cenas selecionadas, seguidas da análise. Na última seção, denominada discussão do estudo, propõem-se inferências para cada etapa do Arco, conforme o respectivo autor.

2 METODOLOGIA

A análise fílmica caracteriza-se como pesquisa documental e de abordagem qualitativa. De acordo com Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013), a análise qualitativa documental é uma estratégia de pesquisa em que se utilizam documentos, como fontes de dados, para investigar e interpretar fenômenos sociais, culturais e históricos. Essa abordagem permite analisar conteúdos não quantificáveis, como filmes, textos e outros materiais, para extrair significados, nuances e contextos específicos, relacionados ao objeto de estudo.

A análise documental qualitativa destaca a importância da interpretação e compreensão profunda do conteúdo, fundamental para estudar fenômenos, como atitudes, emoções e relações humanas complexas, que não podem ser completamente explicados por métodos quantitativos. Nesse sentido, os documentos não são apenas fontes de dados, mas objetos que refletem o comportamento e as experiências de indivíduos ou grupos em determinado contexto, permitindo uma compreensão mais rica e detalhada da realidade social (Hernández Sampieri, Fernández Collado; Baptista Lucio, 2013).

Nessa perspectiva, a metodologia qualitativa está centrada no significado e no contexto, permitindo interpretar elementos simbólicos, fundamentais para compreender fenômenos complexos em suas dimensões subjetivas e sociais (Flick, 2009). Portanto, a análise documental de abordagem qualitativa é uma ferramenta essencial para o estudo de contextos complexos e subjetivos, como, por exemplo, a interpretação de filmes ou outras formas de arte, que refletem a realidade psicológica e social de indivíduos ou grupos.

2.1 SINOPSE DO FILME *O CASTELO DE VIDRO*

O Castelo de Vidro (*The Glass Castle*), segundo o *site papodecinema* (2017), trata de um drama, baseado no livro de memórias de Jeannette Walls. A trama acompanha a história de Jeannette e seus

irmãos, filhos de pais extremamente disfuncionais que, constantemente, mudam-se de cidade em busca de estabilidade financeira, mas nunca alcançam uma vida emocional plenamente segura. A mãe, uma artista talentosa, é ausente em questões de cuidado parental, enquanto o pai, um homem brilhante, mas alcoólatra e irresponsável, promete um futuro melhor para a família, mas, constantemente, coloca-os em situações de extrema privação. O filme ilustra os efeitos do abandono emocional, negligência e instabilidade familiar na infância, abordando temas como resiliência e a luta pela sobrevivência em um ambiente tóxico. Ao longo da história, Jeannette busca superar os traumas do passado, refletindo sobre as marcas deixadas pela criação disfuncional e o impacto das escolhas dos pais em sua vida adulta.

2.2 MÉTODO PARA ANÁLISE DO FILME

A teoria da problematização, associada ao educador francês Charles Maguerez (1970), apresenta uma abordagem pedagógica que incentiva a aprendizagem ativa por meio da identificação e análise de problemas reais. Embora Maguerez não tenha publicado diretamente sobre essa teoria, seu método foi difundido e adaptado por diversos autores, conforme mencionado por Berbel (2014). A análise do filme *O Castelo de Vidro* (2017) pode ser realizada à luz da teoria da problematização, proposta por Maguerez (1970), que incentiva uma abordagem crítico-reflexiva. Aplicando a teoria, é possível explorar as questões sociais, psicológicas e culturais subjacentes aos personagens e à narrativa, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas presentes na trama.

A teoria da problematização compreende o método conhecido como *Arco de Maguerez*, organizado em cinco etapas, que facilitam a análise reflexiva e promovem a solução de problemas a partir da realidade observada. Desenvolvido inicialmente por Charles Maguerez, o método foi posteriormente adaptado e ampliado por outros autores, como Colombo e Berbel (1998), apresentado como ferramenta essencial em contextos educacionais e de formação profissional. O método orienta a prática pedagógica do educador, preocupado em promover a autonomia intelectual de seus alunos, incentivando o pensamento crítico-criativo. O método do *Arco de Maguerez* parte da análise de uma realidade ou de um respectivo recorte, compreendendo as seguintes etapas: (i) observação da realidade (problematização da realidade); (ii) identificação dos pontos-chave; (iii) teorização; (iv) formulação de hipóteses de solução; e (v) aplicação prática à realidade, conforme ilustrado na Figura 01.

Figura 01 - Esquema das etapas do método do *Arco de Maguerez*



Fonte: Berbel, 2014

A metodologia proposta inicia com a *observação da realidade* onde se identifica criticamente um problema para o estudo, visando a contribuir para sua transformação. Na etapa dos *pontos-chave*, realiza-se uma análise aprofundada para identificar os fatores relacionados ao problema e estabelecer questões fundamentais para a investigação. A terceira etapa, a *teorização*, é o momento da pesquisa e análise, em que o pesquisador busca informações relevantes para compreender o problema em profundidade. Com base nessa compreensão, são elaboradas as *hipóteses de solução*, que refletem possíveis encaminhamentos, baseados no estudo realizado. Por fim, na etapa de *aplicação à realidade (prática)*, essas hipóteses são implementadas na realidade de onde o problema foi retirado, com o objetivo de promover transformações concretas, ainda que pequenas, na situação analisada.

De acordo com Bebel (2014), a metodologia de Maguerez segue uma orientação geral e se desenvolve por meio de etapas distintas e interligadas, iniciando a partir de um problema identificado na realidade. Trata-se de uma abordagem abrangente, composta por métodos, técnicas, procedimentos e atividades, organizada de forma intencional em cada etapa, levando em consideração a natureza do problema e as condições gerais dos participantes. Seu objetivo principal é capacitar o indivíduo a compreender seu mundo e agir de maneira consciente para transformá-lo, promovendo um aprimoramento contínuo que contribua para uma sociedade mais justa e uma vida mais digna.

Nessa perspectiva, complementando o *Método do Arco de Maguerez*, utilizado para a coleta de dados, foi aplicada a técnica da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016), estruturada para interpretar dados qualitativos e organizar informações em categorias e significados com vistas a uma compreensão mais profunda. A Análise de Conteúdo, conforme Bardin, segue um percurso organizado, dividido em três etapas principais, destacando a relevância de processos bem estruturados em prol de soluções e interpretações mais abrangentes.

Para a primeira etapa da Análise de Conteúdo, a pré-análise, que envolve a organização e preparação do material, após assistir ao filme, de maneira pausada para registro de anotações, procedeu-se a uma análise geral com o objetivo de identificar os aspectos que poderiam ser analisados à luz da Neurociência. Na segunda etapa, denominada exploração do material, foram selecionadas seis cenas do filme que compõem o *corpus* de análise. Para cada cena, identificou-se a ideia central ou ponto-chave, convergindo com a metodologia do *Arco de Maguerez*, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Demonstrativo das cenas selecionadas, localização do filme e pontos-chave

Cenas	Localização no filme	Pontos-chave
1	4': 53"	Negligência com a criança
2	20 ':48 "e 21':54"	Instabilidade da infância de Jeannette
3	24':12"	Imprudência do pai ao tentar ensinar a filha a nadar.
4	42': 12"	Negligência parental
5	"1:04:37"	Enfrentamento dos irmãos em um ambiente hostil
6	"1: 08:54"	Tensão familiar e ambiente instável

Fonte: Elaborado pelas autoras

A etapa final da técnica de análise de conteúdo corresponde ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação, que visa a organizar e interpretar os dados de forma clara e compreensível. Assim, as cenas selecionadas retratam vulnerabilidades e riscos para o neurodesenvolvimento da personagem Jeannette, em dois períodos importantes do desenvolvimento, a infância e a pré-adolescência, interpretadas à luz dos conhecimentos neurocientíficos.

2.3 DESCRIÇÃO DAS CENAS E A ANÁLISE

Para a análise, foram selecionadas seis cenas do filme, baseadas em eventos traumáticos e estressantes, vividos por Jeannette, personagem central, que podem ter influenciado seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Na sequência, apresenta-se a descrição de cada cena, seguida da respectiva interpretação, realizada à luz dos conhecimentos neurocientíficos.

2.3.1 Cena 1: Negligência com a criança

A cena 1 ocorre na primeira infância de Jeannette que, ao sentir fome, pede comida à mãe. Em resposta, a mãe sugere que a menina prepare seu próprio almoço. Durante a tentativa, Jeannette sofre um acidente com fogo no fogão. Após hospitalização e uma cicatriz enorme em seu abdômen, a cena pode ser analisada à luz da teoria do apego, explicada principalmente pela Psicologia, mas também com fundamentos na Neurociência. Desenvolvida por John Bowlby, a teoria sugere que as primeiras relações entre a criança e seus cuidadores influenciam profundamente seu desenvolvimento emocional e social. De acordo com o autor (1988), a qualidade do apego, estabelecido na infância, pode afetar a

maneira como o indivíduo constrói e mantém relações interpessoais ao longo da vida, resultando padrões de vínculo seguros ou não. No caso de Jeannette, a negligência materna pode ter contribuído para o desenvolvimento de um apego inseguro, impactando sua capacidade de confiar nos outros e de regular suas próprias emoções.

2.3.2 Cena 2: Instabilidade na infância de Jeannette

Na infância de Jeannette, o pai, em determinado momento, acordou as crianças no meio da noite para fugirem de credores. A cena aparece aos 20min48s do filme. Em seguida, o filme apresenta um salto temporal, mostrando as crianças mais velhas e reclamando das constantes mudanças de cidade, o que ocorre aos 21min54s. Segundo a Neurociência, experiências de instabilidade na infância, como se observa nas cenas em que a família fazia mudanças frequentes para fugir dos credores e a respectiva insegurança por conta desse comportamento, apresentam potenciais indicadores de risco para o neurodesenvolvimento de Jeanette.

Estudos indicam que situações imprevisíveis ativam, de forma crônica, o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA) e aumentam os níveis de cortisol, levando, possivelmente, a dificuldades na regulação emocional e à maior vulnerabilidade ao estresse (Shaffer; Kipp, 2013). Além disso, Bowlby (1988) argumenta que a falta de um ambiente seguro pode comprometer o estabelecimento de apego, influenciando negativamente a capacidade de confiança nos outros e o desenvolvimento de relacionamentos estáveis na vida adulta. Essas adversidades também podem impactar o córtex pré-frontal, essencial para a tomada de decisões e planejamentos futuros (Siegel, 2012).

2.3.3 Cena 3: Imprudência do pai ao tentar ensinar a filha a nadar.

A cena ocorre na pré-adolescência de Jeannette, quando o pai insiste para que aprenda a nadar, jogando-a na parte funda da piscina, momento em que quase perde a vida. Essa experiência pode ter gerado um impacto significativo em seu desenvolvimento emocional. Segundo a Neurociência, situações de extremo estresse ativam a amígdala, o que pode resultar em hipersensibilidade ao medo e consequente desenvolvimento de fobias ou transtornos de estresse pós-traumático (Ledoux, 1996). Além disso, a falta de suporte emocional, durante o evento, pode afetar a formação de vínculos seguros, conforme a Teoria do Apego, de Bowlby (1988). No entanto, dependendo do contexto e do suporte recebido, essa experiência também pode contribuir para o fortalecimento da resiliência e da capacidade de lidar com adversidades, como apontado por Siegel (2012).

2.3.4 Cena 4: Negligência parental

A negligência parental ocorre na pré-adolescência de Jeannette, quando ela e sua irmã mais velha reclamam de fome por estarem, há três dias, sem comida e sem gás de cozinha, enquanto o pai dormia alcoolizado no sofá (42min12s). Essa situação, provavelmente, tem impactos negativos em seu desenvolvimento emocional, tendo em vista que a falta de recursos básicos e a negligência ativam o sistema de estresse, aumentam os níveis de cortisol, prejudicando a regulação emocional, o que pode resultar transtornos como ansiedade e depressão (Siegel, 2012; Shaffer; Kipp, 2013). Além disso, a ausência de segurança emocional pode levar ao desenvolvimento de padrões de apego inseguros, conforme descrito por Bowlby (1988).

2.3.5 Cena 5: Enfrentamento dos irmãos em um ambiente hostil

Ainda na pré-adolescência, Jeannette e seus irmãos foram obrigados a passar um fim de semana na casa da avó, figura autoritária e desagradável. Durante esse período, Jeannette flagrou a avó tentando abusar de seu irmão, experiência traumática que evidencia potenciais indicadores de risco para seu desenvolvimento socioemocional.

Segundo a Neurociência, traumas alteram a amígdala e o hipocampo, áreas do cérebro associadas ao medo e à memória, o que pode resultar dificuldades emocionais e maior vulnerabilidade ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Ledoux, 1996; Siegel, 2012). Além disso, a falta de apoio e de proteção pode gerar padrões de apego inseguros, afetando a capacidade de formar relacionamentos saudáveis (Bowlby, 1988).

2.3.6 Cena 6: Tensão familiar e ambiente instável

Na cena de número seis, as crianças presenciam, em determinado momento, uma discussão agressiva dos pais, destacando os problemas familiares e o ambiente conturbado por conta de dificuldades financeiras e emocionais (1h8min54s). O estresse causado por esses conflitos aumenta os níveis de cortisol, impactando áreas do cérebro responsáveis pela regulação emocional e pela tomada de decisões (Siegel, 2012). Esse tipo de ambiente hostil pode prejudicar a formação de padrões de apego seguros, no caso da realidade de Jeannette, aumentando a vulnerabilidade a transtornos emocionais, como ansiedade e depressão (Bowlby, 1988; Scheffer; Kipp, 2013).

3 DISCUSSÃO DO ESTUDO

Inicialmente, cabe reforçar que a Neurociência explica que as experiências vividas ativam áreas cerebrais, como a amígdala e o córtex pré-frontal, afetando a regulação do estresse e a formação de vínculos seguros, além de aumentar a vulnerabilidade a transtornos como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). A análise das cenas revela como experiências podem ter contribuído para o desenvolvimento da personalidade e para o funcionamento biopsicossocial do indivíduo, refletindo diretamente na construção de habilidades essenciais na vida adulta, como a capacidade de enfrentar desafios e, especialmente, na qualidade dos relacionamentos afetivos, favorecendo, em muitos casos, o estabelecimento de padrões inseguros de apego ao longo da vida.

Com isso, a Neurociência possibilita entender como as adversidades precoces, relativas à negligência e ao abuso, interferem no neurodesenvolvimento da criança. O estresse tóxico, resultante dessas situações, provoca uma ativação prolongada da resposta ao estresse, com níveis elevados de cortisol, afetando áreas cerebrais fundamentais para a regulação emocional e o controle de comportamentos. Essa alteração da plasticidade cerebral pode levar a deficiências na regulação emocional, comprometendo a formação de vínculos saudáveis e o desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento (Shonkoff *et al.*, 2012).

O filme também destaca como a ausência de um ambiente familiar estável e amoroso pode prejudicar a formação da identidade, dificultar a adaptação ao meio social e comprometer a saúde mental. A literatura científica indica que crianças e adolescentes que vivenciam esses tipos de adversidades têm maior propensão ao desenvolvimento de transtornos, como depressão, ansiedade e desvios de conduta (Lima Camargo *et al.*, 2017). Por outro lado, a resiliência, entendida como a capacidade de superar dificuldades, é um fator importante que pode ser observado não apenas na personagem principal, mas também em seus irmãos. A Neurociência, por outro lado, sugere que determinados aspectos, como suporte social e mecanismos de enfrentamento, podem ajudar a restaurar ou fortalecer a mente humana, promovendo uma adaptação saudável (Lima Camargo, *et al.*, 2017), embora o trauma precoce tenha impactos expressivos.

O ambiente familiar negligente, abusivo e instável vivenciado por Jeannette certamente teve impacto em seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. No entanto, é importante destacar que, apesar das adversidades enfrentadas ao longo da infância e adolescência, a personagem demonstra notável resiliência emocional. Longe de desenvolver um transtorno mental de forma evidente, o filme evidencia sua capacidade de enfrentar as dificuldades com força e autonomia, reconstruindo sua vida e buscando caminhos distintos dos traçados por sua família.

Dessa forma, a análise deve considerar não apenas os aspectos negativos do ambiente em que cresceu, mas também sua habilidade de superação e crescimento pessoal diante da adversidade. Ainda assim, é inegável que o contexto em que foi criada exerceu forte influência em sua trajetória. Seus pais, desconectados das normas sociais, não supriam as necessidades básicas dos filhos, como alimentação, segurança e educação, gerando um contexto de estresse tóxico. Segundo Perry e Szalavitz (2007), essas condições alteram a arquitetura cerebral, prejudicando habilidades como regulação emocional, aprendizado e formação de vínculos. Portanto, a ausência de estímulos educativos e sociais, combinada ao estresse intenso, pode comprometer o desenvolvimento do córtex pré-frontal, área ligada ao planejamento, resolução de problemas e regulação emocional (Shonkoff; Phillips, 2000).

Além disso, a hiperativação crônica do eixo HPA (hipotálamo-pituitária-adrenal), desencadeada pela ausência de suporte parental, possivelmente pode ter elevado os níveis de cortisol, predispondo Jeannette a respostas frequentes de luta ou fuga (McEwen, 2007). Esse cenário também pode ter intensificado a ativação da amígdala, ligada ao processamento do medo, especialmente, em eventos traumáticos, como o episódio em que seu pai a jogou na água para aprender a nadar. A inconsistência entre os discursos motivacionais do pai e a incapacidade de prover estabilidade emocional pode ter desencadeado uma dissonância cognitiva em Jeannette. Segundo Festinger (1957), essa incoerência dificulta a integração entre emoção e razão, comprometendo o desenvolvimento de uma autoestima saudável e de uma identidade sólida. Como resultado, a falta de interação social com pessoas fora do núcleo familiar reforçou a dependência emocional de Jeannette, dificultando sua percepção sobre a possibilidade de romper esse ciclo.

Nessa esteira de diferentes negligências, os indicadores de risco, presentes na infância e adolescência de Jeannette, são claros: descuido parental, instabilidade familiar, pobreza e insegurança alimentar. Essas condições, conforme Sapolsky (2004), estão associadas à ativação crônica do eixo HPA e ao desenvolvimento de transtornos psicológicos ao longo da vida. O ambiente de conflitos constantes e a exposição a comportamentos disfuncionais afetam negativamente funções executivas e a regulação emocional (Pasian, *et al.*, 2013). Não há dúvida de que a pobreza e a falta de estímulos educacionais ampliaram as vulnerabilidades de Jeannette, afetando aspectos importantes como o aprendizado, a socialização e o bem-estar emocional durante a infância. No entanto, é fundamental destacar que essas dificuldades não a definiram por completo. Ao longo do filme, observa-se que, apesar das limitações e adversidades, a personagem desenvolve recursos internos que lhe permitem resistir e transformar sua realidade.

Nesse contexto, estudos sobre resiliência, como os de Rutter (2013), destacam a importância das redes de suporte no enfrentamento de adversidades, um fator ausente na vida de Jeannette durante

grande parte de sua infância. Ainda assim, sua trajetória revela que, mesmo sem esse suporte, ela desenvolveu mecanismos internos que funcionaram como estratégias de superação. Esses recursos pessoais, embora raros em contextos tão extremos, demonstram a complexidade dos caminhos individuais frente à adversidade.

Além disso, evidências científicas indicam que ambientes altamente adversos podem comprometer o neurodesenvolvimento. De acordo com Perry (2007), a exposição contínua ao estresse tóxico prejudica a formação de conexões neurais, afetando funções como a memória, o controle emocional e a capacidade de lidar com desafios.

Dessa forma, o cenário retratado no filme exemplifica, de maneira contundente, os efeitos de um ambiente familiar e social disfuncional, ressaltando como a combinação entre negligência, privação e ausência de suporte pode gerar vulnerabilidades significativas à saúde mental e ao bem-estar ao longo da vida. Em contrapartida, novos conhecimentos, advindos da Neurociência, oferecem caminhos promissores para minimizar os impactos dessas experiências adversas e promover o desenvolvimento saudável, especialmente quando aplicados em contextos de vulnerabilidade, como o vivido por Jeannette.

A criação de um ambiente positivo e acolhedor é fundamental para favorecer o desenvolvimento emocional e cognitivo, segundo Shonkoff e Phillips (2000), tendo em vista que ambientes emocionalmente seguros estimulam a aprendizagem e a formação de conexões neurais saudáveis. Além disso, Kolb e Whishaw (1998) destacam que cenários que incentivam a curiosidade e a exploração fortalecem a plasticidade cerebral e as habilidades cognitivas.

A implementação de programas de educação socioemocional, conforme Greenberg et al. (2003), são estratégias eficazes para ensinar habilidades, como empatia, resolução de conflitos e regulação emocional, contribuindo para a saúde mental e o comportamento social. No caso de Jeannette, a participação em atividades grupais, como esportes ou projetos comunitários, poderiam proporcionar uma rede de apoio, fortalecendo interações sociais positivas e habilidades emocionais essenciais (Rutter, 2013).

Nesse contexto, segundo Nesi, Ferreira, Dias, Bernardo e Andrade (2024), a presença de um profissional qualificado em Neurociência nas escolas, capaz de intervir em questões de saúde mental infantil, é fundamental. A combinação de conhecimentos neurocientíficos e pedagógicos permite identificar sinais precoces de transtornos emocionais e implementar intervenções eficazes no ambiente escolar. Essa atuação é essencial para garantir não apenas o sucesso acadêmico, mas também o equilíbrio emocional das crianças. Dessa forma, a integração entre Neurociência e Educação é uma estratégia promissora para lidar com os desafios do ensino contemporâneo, fazendo com que o avanço

do conhecimento sobre o funcionamento do sistema nervoso central possibilite a criação de abordagens pedagógicas mais eficazes, seja relacionada a aspectos cognitivos seja emocionais.

Outra intervenção relevante é a terapia cognitivo-comportamental (TCC) que, de acordo com Beck (2011), auxilia na reestruturação de pensamentos negativos e no desenvolvimento de habilidades de enfrentamento. Complementarmente, terapias artísticas, como arte e música, são eficazes na expressão emocional e no tratamento de traumas, estimulando áreas cerebrais ligadas à criatividade e à autorregulação emocional (Stuckey & Nobel, 2010). Além desses aspectos, a educação parental também desempenha papel crucial na criação de um ambiente saudável, como programas aos pais, conforme sinalizam Siegel e Bryson (2011), pois promovem interações que fortalecem as conexões neurais saudáveis nas crianças. Perry (2002) reforça que o envolvimento ativo dos pais pode atenuar os efeitos da negligência e de estressores ambientais, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento saudável.

Por fim, grupos de apoio familiar e iniciativas comunitárias podem reduzir o isolamento social das famílias e oferecer suporte emocional essencial. Essas redes promovem a troca de estratégias e de recursos entre os membros da comunidade, fortalecendo as conexões sociais e a resiliência das crianças (Perry, 2002). Essas intervenções, embasadas na Neurociência, demonstram grande potencial para transformar realidades desafiadoras, como a de Jeannette e de outras crianças, em contextos similares, oferecendo oportunidades de superação e desenvolvimento emocional e cognitivo saudável.

Ainda, tomando-se como referência o *Arco de Magueréz*, utilizado como metodologia básica, fazem-se as seguintes considerações:

Com relação à primeira etapa da metodologia, denominada observação da realidade, o filme analisado mostra que é possível questionar a negligência parental em todas as fases do desenvolvimento da personagem central. No contexto social, observa-se que essa realidade, muitas vezes, ocorre por múltiplas causas, não especificadas neste estudo.

Referente à segunda etapa, os pontos-chave, identificados nas cenas analisadas, foram listados em cada um dos seis episódios mencionados. Considera-se que a terceira etapa do *Arco de Magueréz*, denominada teorização, esteja contemplada na interlocução estabelecida entre os autores, que fundamentam as análises relativas à maneira como Jeannette foi educada e suas consequências na vida adulta.

A quarta etapa metodológica diz respeito às hipóteses de solução que, a princípio, não foram estabelecidas para este estudo. No entanto, reportando-se à história de vida de Jeannette, identifica-se como uma possível hipótese de solução: “Se os pais da personagem tivessem se submetido a um processo de análise psicoterapêutico, com acompanhamento profissional adequado, poderiam ter se

tornado pessoas sadias e autorrealizadas, propiciando uma educação adequada aos filhos”. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, para um neurodesenvolvimento sadio, Jeannette também precisaria de apoio psicoterapêutico, caracterizando-se, assim, a aplicação à realidade, última etapa proposta pela metodologia de Maguerez.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a trajetória de Jeannette reflete os profundos impactos que um ambiente disfuncional pode causar no neurodesenvolvimento e na saúde mental de uma criança. No entanto, sua história também ressalta o papel crucial da resiliência e da plasticidade neuronal na superação das adversidades, evidenciando a capacidade de o cérebro reorganizar-se e formar novas conexões que possam mitigar os efeitos de experiências traumáticas. A busca por um propósito e os vínculos mantidos com seus irmãos foram fatores determinantes na trajetória da personagem, permitindo que ela superasse os desafios impostos por seu contexto inicial e alcançasse destaque acadêmico e profissional. Esses exemplos demonstram que, embora adversidades possam comprometer o desenvolvimento, intervenções adequadas, redes de apoio e um ambiente propício podem transformar realidades. Assim, é possível promover o bem-estar e o desenvolvimento integral, mesmo em cenários marcados por extrema vulnerabilidade.

Portanto, para fechar este raciocínio analítico, menciona-se que, neste artigo, contextualizou-se o filme para, com base na narrativa, discutir questões mais amplas e atuais sobre a influência da estrutura familiar no desenvolvimento e na saúde mental, enfatizando a importância de intervenções precoces a fim de diminuir os efeitos do estresse tóxico e promover um desenvolvimento emocional não apenas mais saudável, mas também mais valoroso em prol de uma vida mais plena e feliz.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução Luís Antero Reto. Augusto Pinheiro. São Paulo: Edição70, 2016.
- BERBEL, N. A. N. (org.) Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações. Londrina: UEL/INEP, 2014.
- BECK, A. T. Cognitive therapy: basics and beyond. Guilford Press, 2011.
- BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A.M. Estratégias de ensino-aprendizagem. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOWLBY, John. A secure base: parent-child attachment and healthy human development. New York: Basic Books, 1988.
- COLOMBO, A. C.; BERBEL, N. A. N. O Método do Arco de Maguerez como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem. Revista de Educação Continuada, v. 10, n. 2, p. 25-40, 1998.
- EAGLEMAN, David. O cérebro: a história de você. Tradução de Leonardo S. D. e Cristina Pinto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- FESTINGER, L. A. *Theory of cognitive dissonance*. Stanford University Press, 1957.
- FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GERALD, L. et al. *Mindfulness-based interventions for mental health: a review*. Journal of Cognitive Therapy, v. 45, p. 123-135, 2017.
- GREENBERG, M. T.; DOMITROVICH, C. E.; BARTON, H. *The role of school-based social and emotional learning programs in promoting positive outcomes for children and adolescents*. American Psychologist, v. 58, n. 6, p. 467-474, 2003.
- HERNANDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BATISTA LUCIO, María del Pilar. Metodologia da pesquisa. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- KOLB, B.; WHISHAW, I. Q. *An introduction to brain and behavior*. Worth Publishers, 1998.
- LEDOUX, Joseph. *The emotional brain: the mysterious underpinnings of emotional life*. New York: Simon & Schuster, 1996.
- LIMA CAMARGO, Isabela M, J. A. et al. *Resilience in children and adolescents exposed to abuse*. Journal of Child and Adolescent Psychiatry, 2017.
- NESI, Elizabete Patrícia Borges; FERREIRA, Samira Borges; DIAS, Maria Angélica Dornelles; BERNARDO, Ana Paula Mourão; ANDRADE, Kássia Reijane dos Santos. Ansiedade e depressão na escola: o impacto na aprendizagem e bem-estar. Revista Aracê, [s.l.], v. 6, n. 4, 18 nov. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/arev6n4-287>. Acesso em: 04 abr. 2025.

McEWEN, B. S. Protective and damaging effects of stress mediators. *New England Journal of Medicine*, v. 338, p. 171-179, 1998.

O CASTELO DE VIDRO - SINOPSE. Papodecinema, 2017. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-castelo-de-vidro/>. Acesso em: 03 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Diretrizes da OMS para a resposta do setor da saúde aos maus-tratos infantis. As Nações Unidas no Brasil, 2019

PASIAN, Mara Silvia; FALEIROS, Juliana Martins; BAZON, Marina Rezende.; LACHARITÉ, Carl. Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais*, v. 7, n. 3, p. 33-47, 2013.

PERRY, Bruce D.; SZALAVITZ, Maia. *The boy who was raised as a dog: and other stories from a Child Psychiatrist's Notebook*. New York: Basic Books, 2007.

PERRY, B. D. Neurodevelopmental trauma and the developing brain. *Child and Adolescent Psychiatry Clinics of North America*, v. 11, n. 2, p. 299-317, 2002.

PERRY, B. D. *Child maltreatment: a neurodevelopmental perspective*. *American Journal of Psychiatry*, v. 159, p. 1234-1245, 2002.

RUTTER, M. *Resilience: some conceptual considerations*. v. 33, n. 3, p. 1-10, 2013. *Journal of Adolescent Health*.

SAPOLSKY, Robert M. *Why zebras don't get ulcers*. 3. ed. New York: Holt Paperbacks, Owl Book, 2004 Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/who-guidelines-for-the-health-sector-response-to-child-maltreatment>. Acesso:21 de nov. 2024.

SHAFFER, DAVID R.; KIPP, Karen. *Developmental Psychology: childhood and adolescence*. 9. ed. Belmont: Wadsworth, 2013.

SHONKOFF, J. P.; GARNER, A. S. The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, Elk Grove Village, v. 129, n. 1, p. e232-e246, 2012. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article/129/1/e232/31628/The-Lifelong-Effects-of-Early-Childhood-Adversity>. Acesso em: 7 abr. 2025.

SHONKOFF, J. P. et al. The effects of early adversity on brain development. *American Journal of Preventive Medicine*, 2012. Disponível em: www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2011-2663. Acesso:19 nov 2024.

SHONKOFF, J. P.; PHILLIPS, D. A. *From neurons to neighborhoods: the science of early childhood development*. National Academy Press, 2000.

SHONKOFF, J. P. et al. The effects of early adversity on brain development. *American Journal of Preventive Medicine*, 2012. Disponível em: www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2011-2663. Acesso:19 nov 2024.

SIEGEL, D. J.; BRYSON, T. P. *The whole-brain child: 12 revolutionary strategies to nurture your child's developing mind*. Delacorte Press, 2011.

SIEGEL, DANIEL J. *The developing mind: how relationships and the brain interact to shape who we are*. 2. ed. New York: Guilford Press, 2012.

STUCKEY, H. L.; NOBEL, J. H. The connection between art, healing, and public health: a review of the literature. *American Journal of Public Health*, v. 100, n. 2, p. 254-263, 2010

VAN DER KOLK, Bessel. *The body keeps the score: brain, mind, and body in the healing of trauma*. New York: Viking, 2014.